



## ARTIGOS



## O conhecimento sobre HIV/Aids: o que pensam os jovens?

Beatriz Sousa Fonseca, *Universidade Estadual de Maringá (UEM)*

Camila Morais Garollo Piran, *Universidade Estadual de Maringá (UEM)*

Bianca Machado Cruz Shibukawa, *Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)*

Claudiana Ribeiro da Silva Araújo, *Universidade Estadual de Maringá(UEM)*

Marcela Demitto Furtado, *Universidade Estadual de Maringá (UEM)*

Ieda Harumi Higarashi, *Universidade Federal de São Carlos*

Maria de Fátima Garcia Lopes Merino, *Universidade Estadual de Maringá (UEM)*

---

**Resumo.** Este estudo teve como objetivo investigar o conhecimento de adolescentes e adultos jovens sobre HIV e a Aids. Trata-se de um estudo descritivo, exploratório de abordagem qualitativa. A produção dos dados aconteceu entre novembro e dezembro de 2021 e foi realizada com adolescentes jovens (15 a 19 anos) e adultos jovens (20 a 24 anos), a partir do método de Snowball Sampling. Para a análise dos discursos utilizou-se a Análise de Conteúdo de Bardin e o Software NVIVO. Após análise dos dados, emergiram três categorias: “Desvelando o conhecimento de adolescentes e jovens acerca do HIV e da Aids; “A estigmatização de Pessoas que Vivem com HIV na sociedade cotidiana”; “Percepção de risco para o HIV sob ótica do adolescente e do jovem”. Ocorreu uma recusa importante na participação do estudo, por grande parte dos jovens abordados, em função da temática em questão. Foram encontradas lacunas e fragilidades significativas, no conhecimento dos jovens sobre o HIV no que se refere à transmissão e o curso da infecção. O preconceito ainda se faz presente, provavelmente pela ausência de intervenções educativas para Infecções Sexualmente Transmissíveis, o

---



---

que reforça a emergência de ações de saúde e políticas públicas mais efetivas, que incorporem essa população.

**PALAVRAS-CHAVE:** Adolescentes; Adultos jovens; Síndrome da imunodeficiência adquirida; HIV; Conhecimento.

---



## Introdução

O Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA/Aids) permanecem, há décadas, como um dos maiores desafios de saúde pública em escala global. O HIV compromete progressivamente o sistema imunológico, enquanto a Aids representa o estágio mais avançado da infecção, caracterizado por uma combinação de sintomas e condições oportunistas associadas à imunossupressão severa (SWINKELS et al., 2024).

O número de casos de pessoas com HIV tem aumentado ano após ano em inúmeros países, com destaque à tendência de elevação entre adolescentes e jovens. Sendo, aproximadamente, 1,7 milhões (com idades entre 10 e 19) vivendo com HIV em todo o mundo (UNICEF, 2021). No Brasil, o cenário é semelhante, ocorrendo um aumento significativo da doença no mesmo grupo etário principalmente entre os jovens de 15 a 24 anos, população mais afetada pelo vírus (BRASIL, 2022).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência é definida como o segundo decênio da vida que compreende a faixa etária de 10 a 19 anos, considerando ainda adolescentes jovens entre 15 e 19 anos e adultos jovens, se estendendo de 20 a 24 anos (WHO, 2024).

O processo de adolecer envolve uma série de transformações biológicas (BASTONE, 2019) e sociais, que influenciam a forma como os adolescentes se relacionam com o meio e os pares (HOCKENBERRY, 2018). Essa fase também marca a descoberta da sexualidade e a experimentação de novas vivências, aspectos que podem repercutir em Comportamentos de Risco para a Saúde (ARAÚJO, 2017; MOURA et al., 2018). Esses comportamentos, associados à negligência ou ausência de atenção ao desenvolvimento e maturação desses jovens, contribuem para a maior exposição ao risco de infecção pelo HIV, seja por via sexual ou vertical (LORENZ et al., 2016).

Apesar dos avanços no manejo clínico e social do HIV, o estigma e a discriminação permanecem como barreiras significativas, afetando não apenas as pessoas vivendo com o vírus, mas também a percepção e a conduta dos profissionais de saúde. Esses preconceitos muitas vezes



Beatriz Sousa Fonseca  
Camila Moraes Garollo Piran  
Bianca Machado Cruz Shibukawa  
Claudiana Ribeiro da Silva Araújo  
Marcela Demitto Furtado  
Ieda Harumi Higarashi  
Maria de Fátima Garcia Lopes Merino

derivam do medo de contrair uma doença erroneamente percebida como contagiosa, o que perpetua crenças negativas em relação a determinados grupos e estilos de vida (RICHARD, 2018). Assim, justifica-se um acompanhamento mais efetivo no cuidado dessa população (COSTA *et al.*, 2019).

Considerando adolescentes e jovens como uma população particularmente vulnerável à infecção pelo HIV, devido a fatores como menor acesso a serviços de saúde, dificuldades na adesão ao tratamento antiretroviral (TARV) e a própria desinformação (WHO, 2022b), o estudo buscou investigar: como os jovens percebem a infecção pelo HIV? Qual é o seu entendimento sobre os riscos associados à transmissão? Quais são suas principais necessidades de saúde relacionadas ao HIV e às estratégias de proteção contra a infecção?

Dessa forma, este estudo teve por objetivo investigar o conhecimento de adolescentes e adultos jovens sobre HIV e a Aids.

## Metodologia

Estudo descritivo e exploratório, de natureza qualitativa realizado com adolescentes e adultos jovens. Utilizou-se a diretriz COREQ (Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research) como direcionamento para sua produção (SOUZA *et al.*, 2021).

A coleta de dados ocorreu entre os meses de novembro e dezembro de 2021. O estudo foi realizado com adolescentes jovens (15 a 19 anos) e adultos jovens (20 a 24 anos) (WHO, 2022b) de um município de pequeno porte localizado na região Sul do país, com uma população de 6.290 pessoas e com remuneração média dos trabalhadores formais, com valor abaixo da média do estado em que a pesquisa foi realizada (IBGE, 2021). Na Atenção Primária à Saúde conta com três Unidades Básicas de Saúde (UBS), três equipes da Estratégia da Família (ESF) e uma Clínica de Atenção à Saúde da Mulher e da Criança. O município conta, ainda, com um hospital geral com 26 leitos, todos vinculados ao Sistema Único de Saúde (SUS) (IPARDES, 2021).

Como critério de inclusão os participantes do estudo deveriam ser adolescentes jovens e/ou adultos jovens, ser usuário do serviço de saúde do município e possuir vínculo familiar. Como critério de exclusão foram



considerados os indivíduos com algum déficit mental, que os impossibilitasse de responder aos pesquisadores ou a não localização do participante, após três tentativas de contato, em dias e horários distintos.

O estudo foi desenvolvido em duas etapas. Na primeira, através do contato com as enfermeiras de cada equipe da ESF para a seleção de dois participantes, que atendessem aos critérios de elegibilidade para o estudo.

A segunda etapa, a partir das abordagens aos primeiros eleitos, utilizou-se o método *Snowball Sampling* ou Amostragem de Bola de Neve, considerando a característica da população de estudo.

Esse método de seleção consiste em fazer um contato inicial com um participante que possua as características determinadas pela pesquisa ou que possa indicar alguém com estas singularidades. Então, é solicitado a essa pessoa que indique um ou mais possíveis candidatos com as mesmas características, sendo este processo repetido a cada entrevista, formando assim uma cadeia de informantes (POLIT; HUNGLER, 2001).

A realização da amostragem em bola de neve ocorreu iniciando-se pela abordagem de um Enfermeiro(a), denominado como “semente”, que tem a função de auxiliar os pesquisadores a iniciarem seus contatos e explorar o grupo que será estudado (POLIT; HUNGLER, 2001). Com o auxílio desse profissional, foram localizados dois prontuários, escolhidos aleatoriamente, para participarem do estudo.

Em conformidade com o método, o quadro de amostragem para as entrevistas pode crescer ou torna-se saturado. A pesquisa se interrompe quando os nomes elencados não trouxeram novas informações ou não houver novos nomes indicados (VINUTO, 2014).

A coleta de dados foi realizada em visitas domiciliares, previamente agendadas por telefone, respeitando a disponibilidade de dia, local e horário dos participantes, por meio de entrevistas e após a leitura dos Termos de Assentimento e Consentimento (participantes e seus responsáveis). Cada entrevista teve duração média de 40 minutos.

Os dados foram coletados por meio de um questionário estruturado para registro de dados sociodemográficos seguido de um



Beatriz Sousa Fonseca  
Camila Moraes Garollo Piran  
Bianca Machado Cruz Shibukawa  
Claudiana Ribeiro da Silva Araújo  
Marcela Demitto Furtado  
Ieda Harumi Higarashi  
Maria de Fátima Garcia Lopes Merino

roteiro de entrevista, que ocorreu a partir da seguinte pergunta disparadora: “O que você sabe sobre o HIV/AIDS e qual é a sua percepção de risco em relação ao vírus e a doença?”.

Assim, após as primeiras abordagens, foi solicitado aos participantes que apontassem novas pessoas com as características que eram de interesse do estudo, a partir da sua própria rede pessoal e, assim, foram contatados os demais participantes, sucessivamente. Após a finalização de cada entrevista, realizou-se a sua transcrição na íntegra (NASCIMENTO *et al.*, 2018).

Os dados coletados foram importados para o Programa NVivo Release versão 1.5.1®, como procedimento de apoio no processo de análise de conteúdo, seguindo as etapas de pré-análise, descrição analítica e a interpretação inferencial (BARDIN, 2016). A fase de codificação inicial ocorreu para emergir o conhecimento sobre o HIV e a aids e qual a percepção de risco, na visão do jovem, em relação ao vírus e à síndrome. Por um processo de aproximação e distanciamento, os principais temas foram identificados e nomeados, além de discutidos sob a luz da literatura nacional e internacional.

O conteúdo foi categorizado de acordo com as falas dos participantes sendo feita uma síntese geral para iniciar os resultados e discussão.

A identificação dos participantes foi realizada por meio da letra “A” e “J”, referindo-se a adolescente jovem e adulto jovem, respectivamente, e pelo algarismo arábico atinente à ordem de realização das entrevistas, a fim de garantir o sigilo das identidades.

O estudo foi desenvolvido em consonância com as diretrizes estabelecidas pela Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, sob Parecer nº 5.022.540, do Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá – UEM, CAAE: 48980821.5.0000.0104.

## **Resultados**

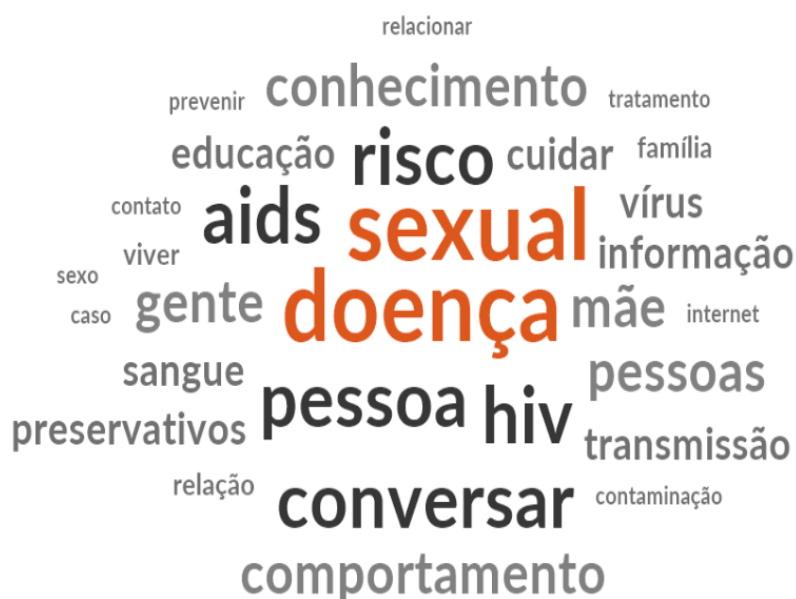


Foram abordados um total de 20 jovens, no entanto, doze recusaram-se a participar quando informados sobre a temática que envolveu o estudo. Alguns apresentaram, ainda, restrições à indicação de um próximo participante, que atendessem à metodologia proposta pela pesquisa.

Participaram do estudo oito jovens, com idades entre 15 e 24 anos, com predominância do sexo feminino (5). Com relação à escolaridade, a maior parte apresentava ensino superior completo (3) e incompleto (2); ensino médio completo (2) e apenas um, com ensino médio incompleto. Dentre os participantes, a maioria relatou desenvolver atividade laboral e ainda morar com os pais.

Através da técnica de Nuvem de Palavras, reconheceu-se palavras que estão apresentadas na Figura 1, a partir da maior frequência notadas neste estudo. Assim, as palavras mais relevantes foram: Doença (n=74); Sexual (n=61); Pessoa (n=59); HIV (n=47); Risco (n=39); Aids (n=38); e conversar (n=38).

**Figura 1** – Nuvem de palavras mais frequentemente citadas nos discursos de adolescentes e jovens do município no sul do Brasil.





Beatriz Sousa Fonseca  
Camila Moraes Garollo Piran  
Bianca Machado Cruz Shibukawa  
Claudiana Ribeiro da Silva Araújo  
Marcela Demitto Furtado  
Ieda Harumi Higarashi  
Maria de Fátima Garcia Lopes Merino

**Fonte:** NVivo Release (1.5.1®)

Por meio da análise do conteúdo das entrevistas, emergiram três categorias, sendo elas: “Desvelando o conhecimento de adolescentes e jovens acerca do HIV e da Aids; “A estigmatização de Pessoas que Vivem com HIV (PVHIV) na sociedade cotidiana”; “Percepção de risco para o HIV sob ótica do adolescente e do jovem”.

### **Desvelando o conhecimento de adolescentes e jovens acerca do HIV e da Aids**

A partir dos depoimentos foi possível compreender o que os participantes entendem sobre o HIV e a Aids. Alguns demonstraram uma compreensão maior sobre as formas de transmissão do vírus (HIV) e a manifestação da síndrome (Aids):

*É uma doença sexualmente transmissível, causada pelo vírus[...] antigamente poderia acarretar a morte, mas que os estudos e a medicina têm avançado muito em relação aos comprimidos e aos coquetéis[...] hoje em dia uma pessoa com aids ela consegue viver uma vida praticamente normal (J2).*

*É uma doença que pode ser transmitida através de atos sexuais, através de transfusão de sangue [...] por objetos cortantes e da mãe para o filho também (A3).*

*Confesso que sou bem leiga e até me confundo... eu não sei se ela pode ter o vírus, mas não transmite [...] se ela tem o vírus ou ela transmite, no sentido de que do tipo ‘eu sou hiv positivo ou eu tenho o hiv’ [...] que eu ouvi alguma vez na faculdade que tem uma diferença entre os termos (J6).*

Outros, apresentam algumas reproduções de ideias equivocadas perpetradas pela sociedade, ao longo dos anos. Um exemplo disso é o uso inadequado da sinonimização entre HIV e Aids, ignorando suas distinções: o HIV é o vírus causador, enquanto a Aids é o estágio avançado da infecção.

*É uma doença muito forte... e pode levar à morte... é transmitida a partir da relação sexual, de um beijo né (A1).*



*Eu sei que é uma doença que mata (A5).*

Algumas falas indicavam que as pessoas associavam o HIV a comportamentos imorais, como sexo com múltiplos parceiros sexuais.

*[...] mas, não é certo você sair com várias pessoas... comportamento de risco, eu considero que as pessoas [...] eu vou usar esse termo e pode ser meio preconceituoso, uma atividade sexual muito descontrolada, fica saindo muito e com um monte de gente (A5)*

O HIV e Aids, segundo os participantes, é um tema pouco discutido em seu meio, o que pode contribuir para o pouco conhecimento dos participantes. A família por diferentes razões, não traz para o cotidiano dos jovens a pauta das ISTs, incluindo o HIV.

*Eu imagino que, às vezes, abordar isso numa sala de aula, os alunos iriam ficar super curiosos, interessados, mas vai ter aquele pai que de repente fala que se incomoda. Então tem muito a questão do tabu, o que atrapalha a educação sobre a sexualidade (J4)*

*Eu acho que existe a falta de informação dos pais estarem conversando, estarem falando sobre como a doença é perigosa e tudo mais, como acontece a contaminação e a conscientização nas escolas (A1).*

*[...] eu vejo que as meninas elas têm muita dificuldade assim de conversar em casa com as mães sobre isso (J2).*

Além disso, constatou-se que os participantes entendem a necessidade de receberem educação sexual o que, segundo eles, é uma forma positiva e segura de serem orientados, e que deveria acontecer na escola, sendo essa uma responsabilidade também das instituições governamentais.

*Eu acredito que a educação sexual ela deva acontecer nas aulas de biologia, nas escolas, desde o ensino fundamental dois até o ensino médio. As escolas, principalmente as escolas públicas deveriam ter parcerias com ginecologistas (J2).*

*A educação sexual deveria levar informação sobre relações sexuais, sobre o corpo da pessoa de uma maneira explicativa e simplificada... explicar realmente como que acontece, a importância de usar preservativos ou métodos de barreiras, as doenças que podem ser contraídas durante as relações sexuais (J6).*

Um recurso de busca de informações, utilizado por mais da metade dos entrevistados são as redes sociais, que permitem um sigilo aos jovens, mesmo não trazendo a segurança que eles esperam:



Beatriz Sousa Fonseca  
Camila Moraes Garollo Piran  
Bianca Machado Cruz Shibukawa  
Claudiana Ribeiro da Silva Araújo  
Marcela Demitto Furtado  
Ieda Harumi Higarashi  
Maria de Fátima Garcia Lopes Merino

88

*Às vezes você quer perguntar as coisas... você não tem coragem, tem vergonha de perguntar ou não sabe bem o que perguntar e aí você continua na dúvida. Hoje tem o google, você pergunta para o google, mas mesmo assim não é a mesma coisa que conversar com uma pessoa... eu ficava na dúvida (J4).*

*[...] sei da doença por alguma notícia da internet que eu vejo (A1).*

Poucas foram as falas dos participantes que fizessem referência aos profissionais de saúde, como promotores de educação para o HIV. As instituições de ensino foram citadas como um local para a educação sexual, no entanto a única menção à orientação por parte de profissionais de saúde, como agentes de promoção à saúde do adolescente e jovem, foi ao médico ginecologista.

*[...] as escolas, principalmente as escolas públicas, elas deveriam ter parcerias com ginecologistas pela dificuldade das meninas falarem sobre esses assuntos (sexuais)” (J2).*

## **A estigmatização da Pessoa que Vive com HIV (PVHIV) na sociedade cotidiana**

O presente estudo demonstra que o medo muitas vezes sustenta o estigma. Entre os entrevistados foi possível perceber um certo temor em relação ao viver com HIV e a AIDS. A falta de informação é responsável por uma ideia de finitude do indivíduo que vive com o vírus, fadados a um destino diferente dos demais.

*[...] deve ser muito ruim né, você sabe que vai morrer (A5).*

*Eu vejo que é como viver a esperança que possa, tipo, ir levando a vida e esperar ser tratado logo (A3).*

Os participantes demonstraram que suas percepções sobre o HIV são formadas a partir da sociedade em que estão inseridos e sua cultura, estabelecem como normal ou aceitável, atribuindo a dificuldade em viver com o HIV ao preconceito e tabu que a sociedade apresenta.

*Deve ser muito triste porque pelo o que eu vejo em novela, essas coisas {HIV}, as pessoas sofrem muito preconceito quando as pessoas sabem (J7).*

*Acho que mais difícil que viver com a doença é viver com o estigma que ela causa, porque aquela pessoa vai te tratar totalmente*



*diferente, como se você fosse uma pessoa doente, uma pessoa para se manter distância (J2).*

Trazem consigo um olhar negativo ou uma inclinação ao afastamento daquilo que consideram características de pessoas ou grupos com HIV.

*Ela {Aids} é um tema tabu porque as pessoas não tem liberdade pra falar sobre isso... porque é uma doença complicada né, a pessoa sempre tem que estar lá, tomando o coquetel de remédios (J4).*

*Pensando no futuro em relação a constituir família, seria por mais com todos os cuidados teria muito medo e também sempre essa incerteza né, de estar ali exposto, acaba que você fica mais expostos a ser acometido por outras doenças (J6).*

*Tem gente que, acho que é aqueles inativos que seguem a vida normal, mas eu acredito que tem gente que sofre se não cuidar certo e tudo mais (J8).*

A religiosidade aparece, ainda que de forma velada, refletindo uma percepção construída pelo meio em que os jovens vivem.

*É considerado {HIV} às vezes pecado... se a pessoa fala que ela tem, a pessoa que está se relacionando com ela vai ficar meio assustada. Às vezes vai considerar muito isso para continuar o relacionamento, não é todo mundo que aceita (J4).*

O estigma e preconceito sobre o HIV fica muito evidente ao longo das entrevistas, entre os próprios participantes, independentemente da idade, quando demonstram claramente que se sentem mais confortáveis em não discutir sobre o assunto.

*Falar sobre isso é estranho porque eu sinto um pouco de vergonha, quando o assunto é relação sexual, quando o assunto é essas doenças que fragilizam... até mesmo porque dá medo, sabe (A1).*

*Esse assunto é desconfortável (A5).*

*Na verdade, eu tenho muita vergonha de falar sobre esse assunto, mas normalmente é com a minha prima, com a minha vó. Com a minha mãe falo, mas é muito pouco e até mesmo com os professores de ciências (A3).*

*Não falo sobre isso! Por isso que eu não sei nem responder (risos) porque nunca passou pela minha cabeça falar sobre isso não! (J7).*



Beatriz Sousa Fonseca  
Camila Moraes Garollo Piran  
Bianca Machado Cruz Shibukawa  
Claudiana Ribeiro da Silva Araújo  
Marcela Demitto Furtado  
Ieda Harumi Higarashi  
Maria de Fátima Garcia Lopes Merino

90

## **Percepção de risco para o HIV sob ótica do adolescente e do jovem**

As percepções dos jovens participantes em relação à exposição ao HIV são variadas. São citados a dificuldade em receber educação sexual, a necessidade em evitar a relação sexual sem preservativo e a não realização de compartilhamento de agulhas e seringas como fatores protetivos.

*Eu acho que as formas de prevenção são principalmente, em primeiro lugar a educação sexual das crianças nas escolas (J2).*

*Usar preservativo, é a forma mais simples e mais precisa... também a questão do contato com o sangue das pessoas (J4).*

*Também, no uso de perfurocortantes coisas assim do tipo sempre que for manusear fazer o seu descarte para evitar que utilize do mesmo (J6).*

Observa-se que o estilo de vida remete ao jovem a possibilidade da infecção pelo vírus, somando-se a isso, a ideia de promiscuidade ao se manter relações com diversos parceiros. Essas questões comportamentais ainda estão muito associadas ao HIV, fato que é presente na sociedade desde o início da epidemia do HIV/Aids.

*Seriam as bebidas, as drogas também... As festas né. Acho que tudo isso contribui para pegar HIV[...] (A1).*

*As pessoas têm um contato muito maior com outras, sexualmente falando, do que tinha antes. Então acaba que está tendo um risco maior, das pessoas se contaminarem... eu vou usar esse termo e pode ser meio preconceituoso, uma atividade sexual muito descontrolada, fica saindo muito e com um monte de gente e às vezes não usa nada (proteção) (J4).*

*Pode também estar prejudicando outras pessoas porque se ela tem o vírus e se faz sexo sem proteção, tá transmitindo (J6).*

## **Discussão**

Desde o início da epidemia, o HIV tem sido caracterizado pelo medo e pela discriminação de pessoas, que têm ou são considerados indivíduos em risco de contrair o HIV. A recusa em participar do estudo, pela maior parte dos adolescentes e jovens abordados no presente



estudo, demonstra uma relutância em falar sobre o HIV, que pode estar relacionada ao estigma e preconceito, vinculados à temática. A justificativa para a não adesão ao estudo esteve relacionada, principalmente, a um bloqueio referido pelos indivíduos abordados, em discutir o assunto.

As condutas e os estudos, acerca da temática, devem se concentrar mais na caracterização de contextos das populações de interesse, juntamente com a combinação de diferentes abordagens e ações de intervenção, que podem ser incorporadas à comunicação, baseada na comunidade e nos meios de comunicação de massa, a fim de elevar a sua importância e reduzir a discriminação dentro da população (TRAN *et al*, 2019).

A representação apresentada pela nuvem de palavras, produzida a partir dos relatos dos participantes, traz uma relação direta e forte entre a vírus e as questões sexuais. Os termos “HIV”, “AIDS”, “pessoa” e “risco” aparecem intimamente ligados, retratando simbolicamente os valores e percepções em relação à temática, dos jovens que não têm a vírus.

Estudos relatam que jovens que vivem com o HIV apresentam uma percepção retratada por meio de expressões mais profundas como “medo”, “tristeza”, “morte”, “doença incurável” e “preconceito”, trazendo com elas o peso dos seus sentimentos frente a sua condição (BRAGA *et al*, 2016), no entanto, ao longo das entrevistas palavras com sentidos mais intensos são apresentadas pelos participantes.

Os adultos jovens e com um grau de escolaridade maior, tiveram um conhecimento mais abrangente sobre o HIV, apresentando um discurso menos fatalista e mais próximo da realidade atual de PVHIV.

Constata-se que, pessoas que frequentam instituições de ensino têm maior probabilidade de obter informações sobre o HIV, a partir de intervenções de HIV/Aids realizadas nas escolas (TESHALE *et al*, 2022). O grau de escolaridade e as condições socioeconômicas da população influenciam diretamente a percepção e o conhecimento sobre o HIV/Aids pois, em geral, ter um bom nível socioeconômico ajuda a acessar diferentes mídias e aumenta o desempenho educacional, o que aumenta a probabilidade de conhecimento sobre HIV/Aids (TESHALE



Beatriz Sousa Fonseca  
Camila Morais Garollo Piran  
Bianca Machado Cruz Shibukawa  
Claudiana Ribeiro da Silva Araújo  
Marcela Demitto Furtado  
Ieda Harumi Higarashi  
Maria de Fátima Garcia Lopes Merino

*et al.*, 2022). Ademais, é importante destacar o aumento da taxa de infecção por HIV associado ao nível de escolaridade e condição social do indivíduo, alertando para crescente taxa de infecção no período da adolescência (VIEIRA *et al.*, 2021).

A desinformação e o conhecimento limitado dos jovens (15 a 19 anos) sobre o HIV/Aids estão relacionados à fatores individuais como renda, idade e escolaridade e, ainda, fatores a nível comunitário, relativos ao país de origem e o local de moradia (cidade ou campo) (MUSLIMIN *et al.*, 2022; TESHLE *et al.*, 2022).

Nesse contexto, compreende-se a escola como espaço privilegiado para discussões de diversos aspectos da vida de adolescentes e jovens, pois grande parte da população adolescente e jovem está nas escolas e a sexualidade não pode ser deixada do lado de fora (SFAIR; BITTAR; LOPES, 2015). No âmbito familiar, barreiras como religião, preconceitos, tabus ou até mesmo falta de preparo dos pais e/ou responsáveis em lidar com temática, tem se sobreposto a necessidade cada vez mais urgente em discutir esse assunto (EW *et al.*, 2017).

O conhecimento sobre o HIV e sua transmissão é fator fundamental para a desmistificação das representações associadas à infecção. A ciência comprova que o vírus pode ser transmitido através da troca de uma variedade de fluidos corporais de pessoas infectadas, como sangue, leite materno, sêmen e secreções vaginais. Também pode ser transmitido de mãe para filho durante a gravidez e o parto, no entanto, os indivíduos não podem ser infectados por meio do contato cotidiano, como beijar, abraçar, apertar as mãos ou compartilhar objetos pessoais, comida ou água (WHO, 2022a).

No que se refere à ideia limitada do HIV/Aids, desde a sua transmissão, tratamento e repercussões biopsicossociais contribuíram para a confecção de representações sociais estigmatizantes do vírus e seus portadores (GUARNIERI *et al.*, 2024).

Ainda, nos dias atuais, a discriminação relacionada ao HIV é um problema global persistente, exacerbado por leis que criminalizam a não divulgação, exposição ou transmissão do HIV, que afastam as pessoas dos serviços de saúde (CSETE; ELLIOTT; BERNARD, 2023). Tais legislações afetam de maneira desproporcional mulheres, minorias



raciais, profissionais do sexo e homens gays e bissexuais, pessoas transgênero, imigrantes e povos indígenas, criando um ambiente de medo que pode desencorajar o acesso a testes, tratamentos e cuidados (BOAKYE; KUMAH; ADJORLOLO, 2024).

Além disso, atitudes discriminatórias por parte de profissionais de saúde podem reforçar o estigma, perpetuando exclusão e marginalização. Esse comportamento levanta questões éticas, uma vez que pode contrariar os princípios de promoção de saúde e atendimento igualitário (SALVADOR; HAHN, 2019).

Essas situações estão minando a resposta ao HIV. O diálogo aberto sobre o tema nas comunidades pode facilitar a compreensão e ajudar a apoiar uma mudança nas normas sociais que demonizam e discriminam as PVHIV (RICHARD, 2018).

Neste contexto, é importante adotar uma visão mais contemporânea sobre o HIV, pois, apesar de não haver cura para o vírus, os avanços no acesso à prevenção, diagnóstico, tratamento e cuidados eficazes, tanto para o HIV quanto para infecções oportunistas, transformaram a infecção em uma condição crônica tratável. Isso possibilita que as PVHIV tenham uma expectativa e qualidade de vida semelhantes às de pessoas que vivem sem o vírus (BRASIL, 2024a; WHO, 2022a).

Além disso, o esclarecimento e a divulgação do conceito “Indetectável = Intransmissível” (I = I) são fundamentais no cuidado às PVHIV. Esse conceito ajuda a minimizar o estigma e o preconceito, reafirma os direitos sexuais e reprodutivos e contribui para a melhoria da qualidade de vida das PVHIV (BRASIL, 2024b).

Ao compreender o conceito de I = I, é essencial que a pessoa com HIV reconheça a importância da adesão ao tratamento para alcançar a carga viral indetectável. A falta de adesão pode resultar em replicação viral incompleta, resistência aos antirretrovirais (ARVs) e maior risco de transmissão, incluindo de cepas virais resistentes (BRASIL, 2024b).

Infelizmente, os achados nessa população, remetem à ausência do profissional da atenção primária como figura capaz de levar à população, educação em saúde. O que corrobora com outros estudos, que apontam para a dificuldade nas abordagens sobre o HIV, devido ao preconceito e



Beatriz Sousa Fonseca  
Camila Morais Garollo Piran  
Bianca Machado Cruz Shibukawa  
Claudiana Ribeiro da Silva Araújo  
Marcela Demitto Furtado  
Ieda Harumi Higarashi  
Maria de Fátima Garcia Lopes Merino

discriminação por um grande número de profissionais de saúde (BRAGA *et al.*, 2016; TRAN *et al.*, 2019; RICHARD, 2018).

No campo das políticas públicas, com o objetivo de atuar mais diretamente com políticas de Saúde e Educação, voltadas às crianças, aos adolescentes, jovens e adultos, o Brasil instituiu o Programa Saúde na Escola (PSE), a fim de promover a intersetorialidade saúde/educação. No que tange ao HIV, o objetivo é que ocorra incentivo e subsídios que permitam que o assunto seja abordado de forma clara e construtiva, capaz de transformar a concepção e o estigma do HIV na sociedade brasileira (SFAIR; BITTAR; LOPES, 2015).

A falta de conhecimento de um adolescente sobre a sua saúde reprodutiva e o seu estado sexual, influi nas suas esferas sociais, expondo a sua vida a situações de risco, como as infecções sexualmente transmissíveis e também HIV, entre outros (MUSLIMIN *et al.*, 2022). Estudos realizados em diversas regiões do Brasil, demonstram percepções equivocadas da população relativas ao conhecimento sobre o HIV, suas formas de transmissão e prevenção da infecção e sobre o curso do vírus (VIEIRA *et al.*, 2021).

Diante disso, é fundamental que estratégias eficazes sejam implementadas com vistas a sanar o problema da desinformação sobre HIV/AIDS na população, especialmente no público jovem. Esse grave problema de saúde pública explicita a necessidade de desenvolvimento de ações preventivas, que busquem também melhorar a compreensão sobre o HIV de maneira geral, pois a falta desse entendimento tem provocado uma visão metafórica, que vulgariza o assunto e reforça o preconceito presente na sociedade (ALMEIDA *et al.*, 2016).

A carência de informações e o tabu gerado em torno da discussão sobre a epidemia do HIV/aids, alimenta um estigma social, ainda muito presente na população, desencadeando na PVHIV, receio em revelar seu diagnóstico pela possibilidade de ser rejeitada pela família, perder o emprego ou ser considerada como alguém imoral (OLIVEIRA; JUNQUEIRA, 2020).

Logo, torna-se evidente a necessidade de inclusão de reflexões mais profundas em torno dessa temática, capazes de promover uma construção coletiva que favorece o alinhamento entre o estigma e a



realidade, ressignificando valores e dando singularidade à compreensão do HIV/AIDS pelos adolescentes. Dessa forma, a propagação de conhecimento entre os adolescentes e jovens, influencia no autocuidado reduzindo comportamentos de risco (CARVALHO *et al.*, 2019).

A prevenção da infecção pelo HIV é destacada pelos jovens, principalmente, pelo uso do preservativo. No entanto, essa população apresenta reservas na utilização desse dispositivo alegando questões financeiras, sociais, de gênero, culturais e de acesso aos insumos (MOREIRA *et al.* 2022).

A percepção das populações mais vulneráveis, o estigma e a discriminação ainda presentes nas sociedades sobre HIV, não apenas afetam a possibilidade dos indivíduos infectados de viver de forma natural e positiva com um diagnóstico de HIV, mas também podem afetar negativamente a trajetória da epidemia do HIV em todo o mundo.

## **Conclusão**

Com base nos achados, tanto os adolescentes quanto os jovens, apresentam uma certa resistência em discutir a temática do HIV/Aids, o que demonstra a necessidade de erradicar o estigma e a discriminação sobre o HIV, inserida na sociedade há décadas. Embora alguns participantes demonstraram um conhecimento, ainda que básico, sobre o HIV, outros associaram ao caráter fatal, equivocado e estigmatizante do vírus.

Lacunas relativas ao conhecimento sobre o HIV, especialmente a respeito de suas formas de transmissão e prevenção e sobre o curso da infecção, são evidenciadas. Dentre fragilidades notáveis, destaca-se a falta de compreensão sobre a importância do uso consistente de preservativos, a confusão sobre as formas de transmissão do HIV, como a transmissão por via não sexual, e a insuficiência no entendimento sobre a eficácia do tratamento antirretroviral.

As orientações sobre a vida sexual do adolescente, bem como Infecções Sexualmente Transmissíveis, em especial o HIV, apresentam-se insuficientes, sendo abordadas principalmente no âmbito escolar e familiar. No que concerne às ações dos profissionais de saúde em relação à educação para o HIV/Aids, ocorreram poucos relatos.



Beatriz Sousa Fonseca  
Camila Moraes Garollo Piran  
Bianca Machado Cruz Shibukawa  
Claudiana Ribeiro da Silva Araújo  
Marcela Demitto Furtado  
Ieda Harumi Higarashi  
Maria de Fátima Garcia Lopes Merino

A ausência de intervenções educativas para o HIV/Aids, junto à população mais jovem, sabidamente vulnerável e influenciada por questões sociais, religiosas e culturais, pode culminar em comportamentos de risco que abarcam a atividade sexual. Além disso, em função da educação sexual ser precária, as concepções imprecisas sobre a temática podem favorecer a disseminação de informações falsas e distorcidas, que alimentam estigmas em relação ao HIV e preconceitos às pessoas que vivem com o vírus.

Assim, faz-se necessário fortalecer as ações de educação em saúde para o HIV, através de políticas públicas, promovendo abordagens direcionadas à juventude para fornecer um conhecimento mais abrangente sobre HIV/Aids, bem como contribuir para a resposta global ao combate ao HIV.

### **Limitações do estudo**

Entende-se como limitação do estudo o número reduzido de participantes e a realização em um único cenário. Assim, sugere-se a realização de novos estudos com foco nessa população em cenários sociais diversos.

### **Referências**

ALMEIDA, R. A. A. S. *et al.* Conhecimento de adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. **REBEn**, v. 70, n. 5, p. 1087–94, 2016. Disponível em:



<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0531> Acesso em: 18 de jun. 2021.

ARAÚJO, E.C. Percepção e sentimento do adolescente com HIV/AIDS. **Rev enferm UFPE on line.**, v. 11, Supl. 4, 2017. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5205/01012007> Acesso em: 18 de jun. 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luiz Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo. Edições 70. 2016. 3ª reimp. Da 1ª edição de 2016. Disponível em: <https://madmunifacs.files.wordpress.com/2016/08/anc3a1lise-de-conte-c3bado-laurencebardin.pdf> Acesso em: 18 de jun. 2021.

BASTONE, P. Ser mulher segundo Freud: um caminho para a feminilidade? **Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia**, v. 9, n. 2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/ek.2020.51328>. Acesso em: 13 de out 2022.

BOAKYE, D.S.; KUMAH, E.; ADJORLOLO, S. The Fight for an AIDS-Free World: Confronting the Stigma, Reaching the Marginalized, **Annals of Global Health**, v.90, n.1, p. 39, 2024. Available at: <https://doi.org/10.5334/aogh.4414>. Acesso em: 11 de dez 2024.

BRAGA, R. M.O; LIMAI, T. P.; GOMES, A. M. T. Representações sociais do HIV/AIDS para as pessoas que convivem com a síndrome. **Rev enferm UERJ**, v. 24, n.2, e15123. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2016.15123>. Acesso em: 10 de jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Boletim Epidemiológico - VIH/Aids 2022**. 2022. Disponível em: [https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/dezembro/arquivos/boletim\\_hiv\\_aids\\_-2022\\_internet\\_24-11\\_finalizado.pdf](https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/dezembro/arquivos/boletim_hiv_aids_-2022_internet_24-11_finalizado.pdf). Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Complexo da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Manejo da Infecção pelo HIV em Adultos: Módulo 2: Coinfecções e infecções oportunistas** – Brasília: Ministério da Saúde, 2024(a). 116 p.: il.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Complexo da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para**



Beatriz Sousa Fonseca  
Camila Morais Garollo Piran  
Bianca Machado Cruz Shibukawa  
Claudiana Ribeiro da Silva Araújo  
Marcela Demitto Furtado  
Ieda Harumi Higarashi  
Maria de Fátima Garcia Lopes Merino

**Manejo da Infecção pelo HIV em Adultos: Módulo 1 : Tratamento** – Brasília: Ministério da Saúde, 2024(b). 116 p.: il.

CARVALHO, L. G. L.; JARDIM, M. C.; GUIMARÃES, A. P. M. Educação sexual na perspectiva dos temas transversais: uma revisão de literatura. **Educationis**, v. 7, n. 2, p. 19–29, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.6008/CBPC2318-3047.2019.002.0003> Acesso em: 18 de jun. 2021.

COSTA, A.R.; NOBRE, C.M.G.; GOMES, G.C.; ALVAREZ, S.Q.; RIBEIRO, J.P.; ROSA, G.S.M. Dificuldades e família de crianças/adolescentes soropositivos. **Rev enferm UERJ**, v.27p.e42264, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2019.42264> Acesso em: 18 de jun. 2021.

CSETE, J.; ELLIOTT, R.; BERNARD, E.J. So many harms, so little benefit: a global review of the history and harms of HIV criminalisation. **Lancet HIV**, v.10, n.1, e52-e61, 2023. doi: 10.1016/S2352-3018(22)00248-X. Acesso em: 11 de dez. 2024.

EW, R. D. A. S.; CONZ, J; FARIAS, A.D.G.O.; SOMBRIOIV, P.B.M.; ROCHA, K.B. Diálogos sobre sexualidade na escola: uma intervenção possível. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v. 11, n. 2, p. 51–60, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.24879/2017001100200155> Acesso em: 18 de jun. 2021.

GUARNIERI, R.; BOTELHO, F.C.; SILVA, L.A.V.; ZUCCHI, E.M. Representações sociais do HIV e o cuidado de jovens recentemente diagnosticados. **Revista de Saúde Pública**, v. 58, suppl 1, 6s. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2024058005594>. Acesso em: 12 de dez. 2024.

HOCKENBERRY, M. J. **Wong fundamentos de enfermagem pediátrica**. Marilyn J. Hockenberry, David Wilson, Cheryl C. Rodgers;[tradução Eliseanne Nopper, Flor de Letras , Sueli Toledo Basile]. - 10. ed. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2018.

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. **Brasil, Paraná, Borrazópolis censo demográfico 2010**. IBGE, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/borrazopolis.html> Acesso em: 18 de jun. 2021.

IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Caderno estatístico do município de Borrazópolis**. 2021. Disponível em:



<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=86925&btOk=ok> Acesso em: 18 de jun. 2021.

LORENZ, R. *et al.* Caregivers' Attitudes towards HIV Testing and Disclosure of HIV Status to At-Risk Children in Rural Uganda. **PLoS ONE**, v.11, n.2, p.e0148950, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0154169> Acesso em: 18 de jun. 2021.

MOURA, L.R.; TORRES, L.M.; CADETE, M.M.M.; CUNHA, C.F. Fatores associados aos comportamentos de risco à saúde entre adolescentes brasileiros: uma revisão integrativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 52, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2017020403304> Acesso em: 18 de jun. 2021.

MOREIRA, A.S.; PINTO, V.M.; BASSO, C.R.; SPIASSI, A.L.; LOPES, M.E.B.R.; BARROS, C.R.S. Fatores associados ao não uso de preservativo por adolescentes brasileiros: uma revisão sistemática. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 5, p. e54011528450, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720190034> Acesso em: 18 de jun. 2021.

MUSLIMIN, K. D.; BASO, Y. S.; HIDAYANTY, H.; SYARIF, S.; AMINUDDIN, A.; BAHAR, B. The effect of HIV/AIDS education prevention using web-based she smart on knowledge, attitudes, and practice in adolescent girls. **International Journal of Health & Medical Sciences**, v.5, n.1, p.31-36, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.21744/ijhms.v5n1.1830> Acesso em: 18 de jun. 2021.

NASCIMENTO L C.N. *et al.* Saturação teórica em pesquisa qualitativa: relato de experiência na entrevista com escolares. **Rev Bras Enferm**, v.71, n.1, p.243-8, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0616> Acesso em: 18 de jun. 2021.

OLIVEIRA, M. M. D; JUNQUEIRA, T. L. S. Mulheres que vivem com HIV/aids: vivências e sentidos produzidos no cotidiano. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, n. 3, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n361140> Acesso em: 18 de jun. 2021.

POLIT, D.F.; HUNGLER, B. Essentials of nursing research: methods, appraisal and utilisation. 5th ed. **Philadelphia**: Lippincott. 2001. Acesso em: 12 de jun. 2021.



Beatriz Sousa Fonseca  
Camila Morais Garollo Piran  
Bianca Machado Cruz Shibukawa  
Claudiana Ribeiro da Silva Araújo  
Marcela Demitto Furtado  
Ieda Harumi Higarashi  
Maria de Fátima Garcia Lopes Merino

100

- RICHARD, L. Stigma and Discrimination: Threats to Living Positively with Human Immunodeficiency Virus. **Nurs Clin N Am**, v. 53, p.111–121, 2018. Acesso em: 07 de jan. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.cnur.2017.10.006> Acesso em: 25 de jun. 2021.
- SWINKELS, H.M.; JUSTIZ VAILLANT, A.A.; NGUYEN, A.D.; GULICK, P.G. **HIV e AIDS**. In: StatPearls [Internet]. Treasure Island (FL): StatPearls Publishing; 2024. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK534860/> Acesso em: 12 de dez. 2021.
- SFAIR, S. C.; BITTAR, M.; LOPES, R. E. Sexual education for teenagers and young people: Mapping official prepositions. **Saude e Sociedade**, v. 24, n. 2, p. 620–632, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902015000200018> Acesso em: 18 de jun. 2021.
- SALVADORI, M.; HAHN, G. V. Confidencialidade médica no cuidado ao paciente com HIV/aids. **Revista Bioética**, v. 27, n. 1, p. 153–163, jan. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-80422019271298> Acesso em: 12 de dez. 2024.
- SOUZA, V.R.S. MARZIALE, M.H.P.; SILVA, G.T.R.; NASCIMENTO, P.L. Tradução e validação para a língua portuguesa e avaliação do guia COREQ. **Acta Paul Enferm.**, v. 34, eAPE02631, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021AO02631> Acesso em: 18 de jun. 2021.
- TESHALE, A. B. *et al.* Comprehensive knowledge about HIV/AIDS and associated factors among women of reproductive age in sub-Saharan Africa: a multilevel analysis using the most recent demographic and health survey of each country. **BMC Infectious Diseases**, v. 22, n. 1, p. 1–10, 2022. Disponível em: <https://bmcinfectdis.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12879-022-07124-9> Acesso em: 14 de jul. 2021.
- TRAN B. X. *et al.* Understanding Global HIV Stigma and Discrimination: Are Contextual Factors Sufficiently Studied? **Int. J. Environ. Res. Public Health**, v.16, n.11, p.1899. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph16111899> Acesso em: 15 de jun. 2021.
- UNICEF. For Every child. **HIV and AIDS in Adolescents**. 2021. Disponível em: <https://data.unicef.org/topic/hiv-aids/>. Acesso em: 28 de set. 2022 Acesso em: 18 de jun. 2021.
- VIEIRA, G. N. *et al.* O HIV/AIDS entre os jovens no Brasil: revisão integrativa da literatura. **Health and Biosciences**, v.2, n. 1, p. 16–30,



2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47456/hb.v2i1.32460> Acesso em: 15 de jul. 2021.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>. Acesso em: 22 de jun. 2021

WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHO. **Fact Sheets of HIV**. 2022 (a). Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/hiv-aids>. Acesso em: 13 de set. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHO. **Older adolescent (15 to 19 years) and young adult (20 to 24 years) mortality**. 2022. (b) Disponível em: [https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/levels-and-trends-in-older-adolescent-\(15-to-19-years\)-and-young-adult-\(20-to-24-years\)-mortality](https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/levels-and-trends-in-older-adolescent-(15-to-19-years)-and-young-adult-(20-to-24-years)-mortality). Acesso em: 27 de set. 2022.

## **Knowledge about HIV/AIDS: what do young people think?**

**ABSTRACT:** *This study aimed to investigate the knowledge of adolescents and young adults about HIV and AIDS. This is a descriptive, exploratory study with a qualitative approach. The data production took place in November and December 2021 and was carried out with young adolescents (15 to 19 years old) and young adults (20 to 24 years old), using the Snowball Sampling method. For the analysis of the discourses, Bardin's Content Analysis and the NVIVO Software were used. After data analysis, three categories emerged: "Unveiling the knowledge of adolescents and young people about HIV and AIDS; " The stigmatization of People Living with HIV in everyday society"; "Perception of risk for HIV from the perspective of adolescents and young people". There was a significant refusal to participate in the study, by a large part of the young people approached, due to the theme in question. Significant gaps and weaknesses were found in the knowledge of young people about HIV/AIDS regarding HIV transmission and course. Prejudice is still present, probably due to the absence of educational interventions for Sexually Transmitted Infections, which reinforces the emergence of more effective health actions and public policies that incorporate this population.*

**Keywords:** *Adolescent; Young Adult; Acquired Immunodeficiency Syndrome; HIV; Knowledge.*

**Beatriz SOUZA FONSECA**

*Doutoranda em Enfermagem e Mestre em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá Especialista em Gênero e Sexualidade Graduada em Bacharelado em Enfermagem na Universidade Estadual do Paraná.*

**Camila MORAIS GAROLLO PIRAN**

*Doutoranda em Enfermagem e Mestre em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá com estágio doutoral na Universidade de Antofagasta (UA) -*



*Chile. Especialista em Enfermagem em Saúde Pública com ênfase em Vigilância em Saúde Graduada em Bacharelado em Enfermagem na Universidade Estadual de Maringá.*

**Bianca MACHADO CRUZ SHIBUKAVA**

*Professora Adjunta do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Pós- doutorado em Enfermagem e Doutora em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá, com período sanduíche na Universidade Federal de Santa Catarina. Especialista em Pediatria e Neonatologia, e Ginecologia e Obstetrícia Mestre em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá. Graduada em Bacharelado em Enfermagem na Universidade Estadual de Ponta Grossa.*

**Claudiana RIBEIRO DA SILVA ARAÚJO**

*Mestre em Enfermagem - Universidade Estadual de Maringá Especialista em Terapia Intensiva e Alta complexidade pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública Especialista em Saúde da criança pelo Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Criança pela Escola Superior de Ciências da Saúde da Secretaria de Saúde do Distrito Federal Enfermeira - Universidade Federal da Bahia.*

**Marcela DEMITTO FURTADO**

*Professora efetiva do Departamento de Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Doutora e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá. Pós-graduada em Enfermagem Pediátrica pelo Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Londrina Graduada em Bacharelado em Enfermagem na Universidade Estadual de Maringá.*

**Ieda HARUMI HIGARASHI**

*Pesquisadora/Bolsista Sênior do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos Mestre em Educação Especial (Educação do Indivíduo Especial) pela Universidade Federal de São Carlos Graduada em Bacharelado em Enfermagem e Obstetrícia pela Universidade Estadual de Maringá*

**Maria de Fátima GARCIA LOPES MERINO**

*Professora efetiva do Departamento de Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Doutora e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá. Pós-graduada em Enfermagem Pediátrica pelo Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Londrina. Graduada em Enfermagem e Obstetrícia na Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia de Adamantina.*

*Recebido em: 14/02/2023*

*Aprovado em: 10/12/2024*